

A CONSCIÊNCIA E O EU NO PROJETO NATURALISTA DE DENNETT

Consciousness and Self in Dennet's Naturalist project

Eduardo José Lima de Oliveira ¹

Resumo: Um dos grandes problemas que se estabeleceu nas discussões filosóficas, e não somente de ordem filosófica, mas também científica, é o problema da relação mente e corpo. O problema da relação “mente e corpo” teve seu momento de maior evidência no século 17 com o filósofo francês René Descartes o qual enfatizou que o homem é ser composto de duas substâncias distintas, uma material e outra imaterial. Tal pensamento tem se tornado o centro de discussões entre dualistas e monistas. Daniel C. Dennett é um monista naturalista que contrapõe firmemente a postura dualista e suas extensões. A partir do pensamento desenvolvido por Dennett é que neste trabalho procurar-se-á mostrar a impossibilidade da existência de uma substância imaterial. E ainda apontar-se-á uma possível solução sugerida por esse filósofo naturalista da mente, bem como será também colocada a importância da fundamentação de tal teoria para os estudos filosóficos e científicos na contemporaneidade. E para tal fundamentação será enfatizado o importante papel da intencionalidade e da compreensão de consciência dentro da filosofia dennettiana.

Palavras-chaves: Mente, Naturalismo, Intencionalidade, Consciência.

Abstract: One of the greatest problems which has established in the philosophical discussions, and not only of philosophical orderliness, but also scientific, it's about the relation between mind and body. The problem about this relation “mind and body” had its moment of strongest evidence in the 17th century with the French philosopher René Descartes, who emphasized that the human is made up of two different substances: one is material and the another one is immaterial. Such thought has becoming the central of discussions between dualistic and monistic. Daniel C. Dennett is a naturalistic and monistic who is strongly opposed to the dualistic posture and its extensions. Based on the thought developed by Dennett, this work will try to show the impossibility of the existence of an immaterial substance and also point a possible solution suggested by this naturalistic philosopher of the mind, as well as the fundamental's importance of such theory for philosophical and scientific studies in contemporaneity. And for this substantiation, will be emphasized the important role of intentionality and the comprehension of consciousness inside Dennettian philosophy.

Keywords: mind, naturalism, intentionality, consciousness.

Introdução

¹ Estudante de graduação em Filosofia/UFPI.

Mediante o clássico problema da relação “mente e corpo” a principal preocupação aqui será em mostrar a possível solução para tal problema que é dada pelo filósofo Daniel C. Dennett dentre as teorias que tentam dar possíveis respostas para tal problema. Uma das finalidades do presente trabalho será a de mostrar a insuficiência de tais teorias (nomeadamente principalmente a teoria cartesiana da consciência), e demonstrar a importância e contribuição que é dada pela teoria naturalista apresentada por Dennett.

O texto que se segue terá a seguinte estrutura; em primeiro lugar realizar a descrição do problema da “relação” entre o corpo e a mente, e mostrar qual é a posição, dentre as muitas existentes, assumida por Dennett frente a tal problema; em segundo lugar será feito um paralelo entre a postura tradicional-cartesiana e aquela abordada por Dennett, levando-se em consideração as críticas que este faz à visão de mente que derivou da teoria de René Descartes. Dennett é um autor que critica duramente a visão dualista de inspiração cartesiana e, conseqüentemente, formula uma proposta que combate tal dualismo. Tal proposta emitida por Dennett é de derivação darwinista. A pretensão de Dennett é afastar-se ao máximo da ideia de que a mente é essa entidade imaterial de que tanto falou Descartes e assim tentar dar uma explicação que seja, pelo menos, mais plausível ao problema da mente; em seguida mostrar-se-á a importância da adoção de uma postura intencional a qual, pode-se dizer, é chave fundamental, heurística, para a interpretação do comportamento de uma entidade, seja esta pessoa, animal, artefato, qualquer coisa, e, a partir daí, observar o quanto Dennett é influenciado pelo pensamento evolucionista de Darwin; por fim, tratar-se-á das seguintes questões: “Somente o homem é possuidor de mente?” e “Qual vem a ser a relação da consciência com o eu no projeto naturalista de Dennett?” Pois veremos que a concepção dennettiana de consciência é totalmente distinta daquela apresentada pela concepção tradicional que é totalmente influenciada pelo pensamento cartesiano.

O problema mente e corpo

Uma pergunta sempre permeou o entendimento da humanidade; o homem sempre tentou entender-se, saber o que ele é, de que o homem é composto? E em se tratando das filosofias tradicionais da mente, que têm buscado responder tal questionamento, elas se dividem em cinco ou seis, pois, uma delas, o dualismo, é subdividida em duas grandes categorias: dualismo de substância e dualismo de propriedade; depois se tem o behaviorismo, a teoria da identidade, o funcionalismo e o eliminativismo (BONJOUR, 2010, p. 218). Então, dentro de uma postura dualista destaca-se a de René Descartes, que propõe uma resposta para tal problema da mente, isso no início da era moderna. Descartes entendia que o homem é composto de duas substâncias básicas, a *res cogitans* (pensamento) e *res extensa* (matéria). Ele dizia que a *coisa pensante* seria a entidade não-física, mas que de alguma forma estava ligada ao físico, ao corpo, e que somente a *coisa extensa* seria a entidade física ou material. Bem, o problema que se apresenta, e que Descartes não consegue responder de forma satisfatória, é como pode o homem ser composto por dois tipos distintos de entidades e ainda assim estas duas se relacionarem? Ou seja, como é possível que uma entidade não física venha a relacionar-se com uma entidade física². Para tentar dar uma solução satisfatória ao problema dessa relação corpo e mente, Dennett apresenta uma proposta que deixa de lado a ideia da existência de entidades não-físicas, considerando que mente e o corpo são ambos entidades físicas,

² O principal do dualismo é o seu fracasso em explicar adequadamente a causação mental. Se a mente não é física, ela não tem uma posição no espaço físico. Como, então, uma causa mental pode produzir um efeito comportamental que tem uma posição no espaço? Em outras palavras, como o não físico sem violar as leis de conservação da massa, da energia e da quantidade de movimento? (BONJOUR, 2010, p. 218).

naturais. No que se segue, mostrar-se-á como se dá essa passagem do dualismo cartesiano para o naturalismo que é proposto por Dennett, bem como uma noção dessa nova proposta naturalista do “eu”.

É interessante logo de início destacar que Dennett afirma não ser ele um cientista, mas sim um filósofo, pois muita de sua argumentação, de certa forma, soará aos ouvidos de muitos como sendo um discurso do tipo científico. O que ele faz é propor questões e não uma resposta óbvia ao tradicional problema da relação mente e corpo. Ele quer romper principalmente com a tradição fundacionista da mente. Já mesmo no prefácio de seu livro *Tipos de Mentes* ele faz a afirmação de que nossas mentes são tecidos complexos (DENNETT, 1997, p. 7) incorporados de muitos padrões diferentes, ou seja, não há a ideia de que a mente seja algum tipo de “coisa não-física” que tenha uma misteriosa ligação com o corpo que é físico. Ora, nesta afirmação já se pode perceber a bruta ruptura com a postura tradicional de mente que possui, principalmente, o senso comum, o qual está a mercê do cartesianismo. Para Dennett a mente humana é apenas mais um tipo de mente em meio a um considerável número de outras mentes.

Dennett traça um perfil evolutivo da mente, ou seja, ele entende que a evolução das espécies também envolve a *evolução das mentes*, tal que, assim como existem espécies e animais que são mais simples e outras que são mais complexas da mesma forma existem tipos de mentes que são mais simples e tipos de mentes que são mais complexas. Portanto, as mentes podem sim ser objeto de estudo, pois mentes não são entidades não-físicas, como é frisado pela tradição dualista cartesiana, mas sim que mentes são entidades físicas.

Até então a concepção tradicional cartesiana tem imposto a ideia de que somente o homem é detentor de uma mente e isso tem sido “aceito” sem muitos problemas, mas o que Dennett quer é exatamente entender, e ao mesmo tempo tentar dar uma explicação à questão que é posta; “Que é uma mente?”. Ele quer tentar dar uma solução ao problema da relação corpo e mente – daí se faz necessário repetir que para isso é necessário produzir uma ruptura com a tradição cartesiana. Para iniciar o processo de entendimento da mente ele lança algumas questões básicas que talvez já tenham passado pelo entendimento de qualquer indivíduo. Ele se pergunta pelas mentes de outros seres e até por possíveis mentes em outros entes, como as máquinas. Tais questionamentos brotam das semelhanças entre todos os entes existentes com a capacidade de realizar determinadas ações por parte de seres não-humanos que em certo ponto assemelha-se à dos homens.

A *empatia* em relação aos outros entes seria o ponto inicial para um melhor entendimento do que se entende por mente, como também para o possível entendimento de outras possíveis mentes. A compreensão cartesiana de que somente o homem é possuidor de mente não é satisfatória, já que o homem é um entre todos os entes que existem.

Um questionamento importante que é levantado em relação a outras mentes, especificamente a respeito de mentes não-humanas, como por exemplo, a de outros animais, é saber de que tipo são essas possíveis mentes, se é que animais não-humanos possuem mentes. Dennett assinala que o ponto de partida para a construção de uma resposta a tal questionamento seria partir de um modelo do qual já se tem certo conhecimento e esse modelo seria a mente humana. Isso implica dizer que para se chegar à “certeza” da existência de mentes em animais não-humanos, bem como de que tipo são essas possíveis mentes, o que se tem a fazer é tomar as características das mentes humanas e analisar se há semelhanças a essas possíveis mentes para assim determinar o perfil dessas “mentes não-humanas”. Ao se verificarem tais semelhanças do “eu” com os “outros” pode-se dizer que esses pertencem à mesma classe, que há certa equivalência entre os entes envolvidos. Ou seja, quando é feita a afirmação “nós estamos tristes” não há variação entre “eu”, “você” e “ele” e isso pode ter o mesmo efeito na seguinte afirmação “nós, meu gato e eu, estamos tristes”. Isso significa o abandono do *solipsismo*, da ideia do “eu” tanto em

relação a outros humanos como a outros animais. Em outras palavras, é possível ter tanta segurança de que outras pessoas possuem mentes assim como ter segurança de que outros animais não-humanos também possuem.

Pode-se denominar aqui de *princípio de identidade* o que Dennett usa para fazer uma classificação das mentes. Então, é notório que, para haver a identificação de uma mente há algumas condições que devem ser atendidas, dentre as quais uma delas é a de se ter um posicionamento moral. Dennett afirma, em relação a tal posicionamento, que pode acontecer da seguinte maneira: “Se as flores possuem mentes, então o que fazemos às flores pode ser importante para elas, e não apenas para aqueles que se importam com o que acontece com as flores. Se ninguém se importa, então não interessa o que acontece com elas” (DENNETT, 1997, p. 12). Assim, é possível dizer que tal posicionamento moral consiste numa condição “necessária”, mesmo que não suficiente, para identificar uma mente.

Dennett ainda acentua que há a possibilidade de que se cometam erros ao se tentar identificar uma mente, já que tal procedimento pode resultar na assunção de que algo é dotado de mente sem que esse algo efetivamente a tenha, bem como supor que algo não tenha uma mente quando efetivamente a tem. A respeito disso pode-se tomar como exemplo a polêmica questão do aborto. Poder-se-á ver a relevância que há em se atribuir mentes a determinados entes, já que um dos argumentos utilizados contra a prática do aborto é o fato de que o feto em questão seja possuidor de “consciência”, ou seja, de uma mente. Ora, se forem levados em consideração os interesses do feto, o fato de ele ser ou não detentor de uma mente, de consciência, dará razões suficientes para extinguir a prática do aborto. Porém, como podem afirmar alguns, se tal ente não possui uma mente então não há razões para afirmar que o feto é possuidor de interesses devido ao fato dele possuir uma mente.

Inquestionavelmente Dennett concebe a ideia de que os seres humanos são entes que possuem mentes, mas tal afirmação não é feita aleatoriamente, esta é tida como verdadeira pela possibilidade de entendimento e de comunicação entre o “eu” e o “você”. Esse tipo de compreensão mútua pressupõe que há consciência entre ambas as partes, tanto por parte do “eu” como do “você”. A comunicação, o entendimento a partir de uma linguagem comum garante que os envolvidos possuam mentes, o mesmo tipo de mente.

Aqui não se quer fazer do ato de fala, de se ter uma comunicação através de tal objeto, a condição suficiente e necessária para se identificar uma mente, pois existem muitas entidades, ou até mesmos seres humanos, como os bebês, por exemplo, que não possuem uma fala, mas pressupõe-se que eles possuem mentes e é a partir dessa postura que Dennett levanta um sério questionamento, pois onde afirma que poderia haver entidades que possuam mentes, mas que não podem contar o que estão pensando – não porque estejam paralisadas ou sofrendo de afasia (falta de habilidade de comunicação verbal em razão de uma lesão cerebral localizada), mas porque não possuem qualquer capacidade linguística (*Idem*, p. 18).

A partir disso Dennett afirma que animais não-humanos possuem mentes, da mesma forma que bebês e surdos-mudos, por exemplo, também possuem, mesmo não possuindo uma “linguagem definida”. É certo que possuem mentes, mas é claro que são mentes “menos evoluídas” que as mentes de humanos adultos não-deficientes. Com isso percebe-se claramente que a linguagem é apenas um método adotado para identificar mentes, mas é certo que a linguagem não caracteriza uma condição suficiente e necessária para tal finalidade, pois existem mentes que são incognoscíveis, inverificáveis, impenetráveis por meio de qualquer investigação (*Idem*, p. 19).

Uma dificuldade que Dennett aponta é a falta de precisão em se tentar definir que entes possuem mentes, tal como foi dito acima. Uma das formas de se apontar que um ente possui mente ou não, segundo Dennett, é através da certeza moral, a qual já foi

acentuada anteriormente. Porém o problema que Dennett aponta é que não há como dar razões plenamente satisfatórias para dizer ou explicar como se pode saber moralmente que uma entidade possui uma mente. Dennett dá um exemplo de como pode acontecer o engano ao afirmar pelo viés moral que algum ente possui mente. Ele coloca que, ao observarmos um recém-nascido e notarmos que, ao mesmo tempo em que observamos também estamos sendo observados, inferimos que ambos, observado e o observador, são possuidores de mentes. A falha nesse processo é que nós, na posição de observadores, podemos facilmente ser enganados por um robô, por exemplo. Então, a intuição, que é um método que explora as similaridades para descobrir diferenças (...) entre as nossas mentes e aquelas de nossos companheiros habitantes do planeta (*Idem*, p. 32), pode nos levar a crer que quando observamos um robô que seja idêntico a um humano (um humanoide) temos a “certeza” de que estamos diante de um humano, mas na verdade o que se tem à nossa frente é um robô. Com isso vê-se que a postura intencional é um método utilizado por Dennett que é imprescindível para o desvendamento do problema que há entre mente e corpo. Mas, a respeito da postura intencional será tratado mais detalhadamente adiante.

Críticas ao cartesianismo

Não é de hoje que há uma preocupação, por parte de filósofos e cientistas em explicar no que exatamente consiste a mente, como ela funciona e o que se pode dizer a seu respeito com exatidão. Muitas são as teorias que surgiram para tentar dar conta deste problema, algumas possuindo algum sentido, porém outras com problemas sérios para serem aceitas. Em suma o que se pode dizer é que todas as teorias que dizem respeito à mente resumem-se a dois grupos básicos denominados respectivamente de naturalismo e conhecimento psicológico. Neste primeiro momento tratar-se-á especificamente do conhecimento psicológico para assim, logo nos próximos tópicos, descrever a postura que é defendida pelo naturalismo, o qual se enquadra na concepção proposta por Dennett.

O dualismo cartesiano, também chamado de dualismo forte, é aquele que apresenta a postura do senso comum de mente, de que a mente é uma coisa que pensa (*res cogitans*) e o corpo (*res extensa*) outra coisa completamente distinta dela, a mente. O cartesianismo tenta explicar que, mesmo havendo duas substâncias de naturezas diferentes, o corpo como substância material, extensa e a mente, como substância não-material, há uma íntima relação entre ambas (HEIL, 1998, p. 31). Descartes procura demonstrar que o eu pensante está sempre a influenciar o comportamento do corpo, como também o corpo de alguma forma acaba afetando o eu pensante. Toda essa ação, afirma Descartes, se dá por intermédio de um órgão que se encontra em algum lugar do cérebro humano o qual ele denomina de *glândula pineal*. Dennett é um dos autores contemporâneos que tem sérios problemas em aceitar a explicação dada pelos cartesianos da relação existente entre mente e corpo.

Em “Tipos de Mentes” Dennett propõe alguns questionamentos, por exemplo, como é possível saber o que se passa na mente do outro? O que pensam os bebês? O que é que se pode afirmar sobre mentes não-humanas, se é que existem? E os animais, o que eles pensam? Ou ainda, pode um ser inanimado, como um robô, ter sentimentos? Dennett vai afirmar categoricamente que esses são questionamentos de alta relevância, mas que, dentro do que prescreve a teoria cartesiana, não se pode encontrar respostas adequadas, sendo que, para Descartes somente o ser humano é possuidor de mente (DENNETT, 1997, p. 9). Se apenas o humano é dotado de consciência, então somente este pode ser considerado como racional, sendo os demais seres, como os animais e os entes inanimados, pertencentes a uma categoria distinta da que está o humano, por não serem possuidores de consciência e agirem por puro extinto. Isso significa que quando um “João-de-barro” está a construir sua “casa” este não possui consciência do que se propôs a fazer, mas sim que essa

ação é inerente à sua natureza. Mais adiante será discutido a respeito da “intencionalidade” a qual é um fator imprescindível para explicar esse estado de consciência tanto no homem como nos demais animais.

Como já fora dito, muitos são os autores, em maior parte filósofos, que admitem ser a explicação cartesiana para a relação entre mente e corpo no mínimo confusa, pois tal teoria não consegue explicar como é que pode haver uma relação entre duas substâncias tão distintas, sendo uma substância espacial (material) e a outra substância, mental e não-espacial. Descartes também distingue as qualidades mentais das materiais, porque uma coisa é a consciência que se tem de uma dada experiência de um determinado objeto e outra é o que realmente este é. A respeito disso, no que tange a tese cartesiana que distingue as qualidades mentais das materiais, um exemplo que se pode dar é que nesse momento tenho a “consciência” de que a tinta da caneta que estou a escrever neste momento é azul, essa é a qualidade de cor que o eu consciente está a perceber, mas que na verdade o mundo material é incolor. Descartes demonstra que o conhecimento do “eu” é um conhecimento infalível, por não ser possível duvidarmos de que somos uma coisa pensante, ele observa que o espírito pode ser “concebido como uma substância existente”, independentemente que saiba qualquer coisa do mundo, inclusive do próprio corpo (ROSENFELD, 1996, p. 124).

Dennett, apesar de criticar veementemente a posição dualista cartesiana, e de em algum momento, questionar se realmente somos possuidores de mente, não abre mão da ideia do “eu”, porém este “eu” não está sozinho, já que no mundo, pode-se assim dizer, há uma grande quantidade de “eus”. Ele afirma que quando existe um “nós”, pressupõem-se que não estamos sozinhos; o solipsismo é falso; há companhia presente (DENNETT, 1997, p. 11). Ao dar ênfase a esse “nós” como sendo algo identificador de uma mente, Dennett não apenas relaciona o trato de um homem com outro homem, mas também no trato do homem com os animais. Por exemplo, ao chegar em minha casa, depois de uma longa jornada de trabalho sou recebido por meu gatinho que mia incessantemente e isso me faz entender que ele, assim como eu, está faminto. Assim me dirijo a ele da seguinte maneira: “Vamos almoçar (nós) querido Frederico”. Daí pressupõe-se que, assim como eu, meu gatinho é possuidor de uma mente. É óbvio que ao fazer uma afirmação como esta não se está querendo equiparar a mente de Frederico com a mente de um ser humano, mas no mínimo o que se quer é demonstrar é que Frederico possui algum tipo de mente, mesmo que esta não seja do patamar da mente de um homem.

Ora, a consciência é algo inerente a tudo que possui uma mente, pois afirma Dennett:

Apenas os que possuem mentes podem importar-se; apenas os que possuem mentes podem dar valor ao que acontece (...) se as flores possuem mentes, então o que fazemos às flores pode ser importante para elas, e não apenas para aqueles que se importam com o que acontece com as flores (*Idem*, p. 12).

Com isso Dennett mostra que a consciência de alguma coisa é que na verdade é o “eu”, pois diferente do que se vê no cartesianismo, não somente o homem é capaz de ter consciência de alguma coisa, mas também outros seres, como no exemplo do meu gatinho Frederico o qual sentiu fome e contentamento ao perceber a minha chegada para alimentá-lo. Na verdade um dos maiores problemas do cartesianismo consiste em como identificar a presença de uma mente em um determinado corpo, já que para eles a mente é congruente à alma. Dennett considera um erro gravíssimo afirmar que somente os que possuem a capacidade de raciocinar e ainda de se comunicar é que possuem mentes, pois muitos animais não-humanos apesar de não poderem desenvolver uma linguagem tida como

racionais são detentores de uma mente, pois neste mesmo grupo se enquadram crianças, fetos, surdos, e humanos psicopatológicos que nem por estarem sem a capacidade de se comunicarem não deixam de serem considerados como detentores de uma mente.

A intencionalidade e a influência darwinista

A intencionalidade, dentro do que foi denominado de “o projeto naturalista de Dennett”, é de grande importância para se chegar a uma explicação cientificamente informada da mente. Com isso a intenção desse darwinista é demonstrar que não somente o homem pode ter posturas intencionais, mas também outros animais. Isso caracteriza o trato que Dennett faz da mente. Novamente faz-se necessário destacar que em momento algum Dennett quer equiparar outras mentes com a mente humana, ele não está afirmando que tanto o homem como os outros animais além de outros entes possuem algum tipo de mente que lhes seja comum.

Dennett toma como ponto de partida na sua demonstração sobre a intencionalidade o nascimento da ação nas primeiras macromoléculas, as quais, no seu entendimento, não são apenas passivas de transformações, mas que estas possuem também um caráter ativo. É óbvio que um agir de uma macromolécula é muito distinto do agir do ser humano, tem-se de levar em conta que elas são bilhões de anos anteriores à nossa forma de existência e mesmo sendo agentes elas o são de forma “inconsciente”, diferentemente do homem o qual age com certo grau de “consciência”. Porém, afirma Dennett:

Essas pequenas partes impessoais, irracionais, robóticas, destituídas de mentes da maquinaria molecular constituem a base fundamental de toda a ação, e portanto do significado, e portanto da consciência do mundo (*Idem*, p. 27).

À semelhança de Darwin, Dennett afirma que os homens, seres possuidores de uma mente desenvolvida e de alto grau de consciência, têm por ancestrais essas macromoléculas as quais ele denomina de robôs auto replicantes. E não somente o homem, mas todas as formas de vida compartilham do mesmo ancestral. Para Dennett *somos todos descendentes diretos desses robôs auto-replicantes*.

Para dar uma imagem vívida, sua tatatatata...avó era um robô! Não apenas você é um descendente desses robôs macromoleculares como também é composto por eles: as moléculas de hemoglobina, anticorpos, neurônios, sistema reflexo vestibulocular, que fazem parte de você – em todos os níveis de análise a partir do nível molecular em diante, seu corpo (inclusive seu cérebro, é claro) é composto de máquinas que realizam cegamente uma tarefa maravilhosa, excelentemente projetada (*Idem*, pág. 28).

É a partir de tais afirmações que se pode enxergar que o “eu” nem sempre foi esse ser dotado dessa consciência magnífica, dessa razão capaz de aprender o mundo à sua volta e de criar. Porém, não somente a matéria é produto de um processo de evolução, mas também a capacidade mental de cada ser, inclusive a capacidade humana. E isso de forma alguma pode nos conduzir à conclusão de que o homem é um robô, mas a partir do fato de que somos descendentes de robôs, não se conclui que nós mesmos sejamos robôs, na verdade nós, seres humanos, somos apenas *constituídos* por robôs (*Idem*, pág. 29).

É relevante acentuar que o fato de o homem ser possuidor de uma mente evoluída de outras mentes mais simples não implica, por exemplo, que o homem também seja um robô como uma macromolécula. O homem não é um réptil, nem um peixe, ou qualquer outra criatura multicelular mais simples.

Não se pode dizer que uma macromolécula, assim como seres de bilhões de anos posteriores, são possuidores de mentes, porém Dennett afirma que todas essas entidades, da mais simples a mais complexa, são sistemas intencionais³ (*Idem*, p. 31).

Para ser mais exato, para Dennett ter crenças e desejos equivale a ser explicável por meio da postura intencional (HEIL, 1998, p. 197).

Eis um exemplo da adoção da postura intencional: um determinado cidadão sai para passear com seu cão pelas ruas, de repente um ladrão se aproxima para praticar um assalto. Imediatamente o cão esboça um tipo de reação àquela ação mal intencionada do ladrão, a ação esboçada pelo cão é realizada com a *intenção* de afugentar o ladrão, ou seja, o cão “acreditava” que se latisse e avançasse em direção ao ladrão ele estaria protegendo seu dono. Ora, adotando-se a postura intencional, podemos dizer que não há como negar que, nessa situação o cão é possuidor de crenças e desejos, e que tais estados mentais lhe impulsionam a agir daquela maneira.

É claro que esse exercício de *empatia* em relação a outras entidades que não seja o homem pode gerar sérios riscos na adoção da postura intencional.

Quando nós humanos, que possuímos mentes, a partir da nossa postura notavelmente superior, usamos nosso truque especial de aplicar a postura intencional a outras entidades, estamos impondo sobre elas nossas maneiras e arriscamos atribuir muita clareza, muita distinção e articulação de conteúdo, e portanto muita organização aos sistemas que estamos tentando entender (DENNETT, 1997, pág. 45).

Portanto, há uma enorme distância entre a compreensão que tem um animal não-humano e um animal humano, mas isso não significa que um animal não-humano, por exemplo, não venha a ser detentor de mente ou de que possa ter certo grau de consciência de seus atos, mesmo distintos do que é encontrado em humanos eles também possuem um conjunto de conceitos. Dennett explica da seguinte maneira:

Um cão tem um conceito de gato? Sim e não. Não importa quão próximo o “conceito” de gato de um cão esteja do seu em extensão (você e o cão discriminam o mesmo conjunto de entidades como gatos e não-gatos), ele difere radicalmente de uma maneira: o cão não pode considerar seu próprio conceito; ele não pode perguntar-se se os gatos são animais ou não; ele não pode tentar distinguir a essência do gato (por seu próprio conhecimento) dos meros acidentes. Conceitos não são coisas no mundo canino da maneira como os gatos o são. Conceitos são coisas em nosso mundo porque possuímos uma linguagem (*Idem*, pág. 143).

Não se pode dizer que o cão compreende a água e suas múltiplas utilidades, porém através da adoção da postura intencional os seres humanos podem afirmar que o

³ Dennett chama de sistema intencional todas e apenas aquelas entidades cujo comportamento é previsível/explicável a partir da postura intencional (*Idem*, pág. 38).

ção entende que irá saciar sua sede ao beber aquele líquido que nós denominamos de água. E isso pode acontecer em relação a qualquer entidade, não somente do homem em relação a outros animais, pois esse nível de compreensão, como Dennett acentua no capítulo quatro do livro “*Tipos de Mentes*”, é produto de um processo de evolução modelador de todas as mentes do meio ambiente, ou seja, um fator natural. Daí a ideia da seleção natural darwiniana, a qual Dennett traduz afirmando que o meio ambiente desempenha um papel cego, mas seletivo na modelagem da mente (*Idem*, pág. 81).

A consciência e o eu no naturalismo de Dennett

No que diz respeito ao senso comum, e toda a tradição cartesiana, ao se falar de consciência e seu processo de funcionamento sempre se acredita que este se dá em uma única região do corpo, o cérebro. Essa postura é perfeitamente enquadrada naquilo que se chama de teatro cartesiano. Porém, distante desta maneira de ver o funcionamento da consciência, Dennett julga que a consciência se dá não somente em uma região isolada do corpo, mas que sua atuação acontece de forma múltipla. É como se o corpo, como um todo, fosse o produtor do que chamamos de consciência. A ideia é que cada parte do corpo, cada célula, venha a ter, a partir da adoção da postura intencional, uma intencionalidade, uma capacidade de tomar alguma decisão ou, em outras palavras, de ter uma consciência, ou seja, ter consciência não é uma característica ou atividade única e exclusiva do cérebro. O que acontece é que todas as partes do corpo enviam constantemente mensagens a uma das partes que é o cérebro o qual, por sua vez, após um processo de decodificação, retorna a mensagem que recebeu para todo o corpo.

O cérebro não pode ter um funcionamento autônomo, ele não pode ter consciência do mundo se não for através do corpo, não pode de maneira alguma haver pensamento sem o mundo, por isso o que possui a consciência não é o cérebro, como é concebido pelos psicologistas do senso comum, mas sim o corpo. Um fator que pode dar firmeza a essa linha de pensamento é que por muitas vezes acontecem algumas ações no corpo que o cérebro não chega nem mesmo a ter consciência de que aconteceram. Como, por exemplo, quando os anticorpos reagem expulsando um vírus não há uma consciência de que aquela ação está acontecendo ou que aconteceu, simplesmente os anticorpos “tomam a decisão” de agir daquela maneira e pronto, em momento algum há uma consulta ao cérebro, há certa autonomia por parte dos anticorpos.

Outro fator que pode ser constatado, como favorecedor a essa tese, é o que Dennett acentua no capítulo 3 de “*Tipos de Mentes*” quando fala sobre seres humanos que sofrem morte cerebral e que mesmo assim continuam vivos, em estado vegetativo. A pergunta (especificamente ao cartesianismo) é como dizer que uma pessoa que sofre a morte cerebral ainda possui uma mente, já que a atividade mental depende do cérebro? Para Dennett o que ele chama de consciência, neste caso, se foi, mas muitos tipos de sensibilidade persistem, mantendo os vários equilíbrios corporais (DENNETT, 1997, p. 63).

Com isso pode-se dizer que a ideia trabalhada por Dennett, no que diz respeito aos pensamentos, aos estados de consciência, é de certa forma funcionalista, pelo fato de que o ter mente não consiste necessariamente em possuir um cérebro, mas sim em que determinada entidade tenha a capacidade de produzir atos conscientes, intencionais e, assim, acaba por se distanciar completamente daquela ideia de que sentir uma dor ou pensar em alguma coisa seja algo como um estado exclusivo de uma entidade não-física. Na filosofia dennettiana não há a concepção de que a mente venha a ser uma substância imaterial que de alguma maneira misteriosa se relaciona com o corpo. Dentro daquilo que é abordado por Dennett pode-se dizer que este possui uma inclinação funcionalista, e assim,

falar de mente é, numa concepção funcionalista, falar de sistemas materiais de alto nível (HEIL, 1998, p. 120).

Em fim, é notável a posição naturalista defendida por Dennett em relação à consciência e o eu. O “eu” do ser humano não é algo formado por duas substâncias distintas. Para Dennett somos apenas uma organização de toda a atividade competitiva entre um grande número de competências que o corpo desenvolve, pois temos consciência do que acontece em nosso corpo por que somos o nosso corpo (DENNETT, 1997, p. 140).

Conclusão

Apesar de não haver nenhuma resposta que seja plenamente satisfatória ao problema corpo-mente, o naturalismo que é proposto por Dennett demonstra ser uma teoria que aponta um bom caminho rumo à possível solução para tal questionamento. Que através da postura intencional Dennett pode, pelo menos, demonstrar que não apenas o homem é possuidor de mente, como é concebido principalmente pelo dualismo cartesiano. E ainda que através da adoção da postura intencional os seres humanos podem identificar que há outros tipos de mentes, que a mente humana é apenas um tipo mais evoluído de mente.

Dennett conseguiu mostrar que a mente, ou a consciência, não é uma entidade estranha ao corpo, mas que essa é parte constituinte do corpo. E com isso pode-se concluir que não existem as chamadas entidades não-físicas, ou pelos menos que se elas existirem até então não há como dar alguma prova racional para explicá-las. Mas Dennett, seguindo a linha de raciocínio do evolucionismo de Darwin, mostra que assim como ocorre na evolução das espécies, sob um processo de seleção natural, assim também ocorre com a mente, já que esta é congruente à matéria.

Referências

BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. *Filosofia: textos fundamentais comentados*. 2 ed. São Paulo: Artmed, 2010.

DENNETT, Daniel C. *A perigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida*. Trad. Talita M. Rodrigues Mourão. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Tipos de mente: rumo a uma compreensão da consciência*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HEIL, John. *Filosofia da mente: uma introdução contemporânea*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

ROSENFELD, Denis L. *Descartes e as peripécias da razão*. São Paulo: ILUMINURAS, 1996.

Texto recebido em: 22/08/2012
Aceito para publicação em: 06/01/2013